

Adolescência e escola: uma análise mediante o papel do Psicólogo Escolar

Adolescence and school: an analysis through the role of the School Psychologist.

Denilde Aparecida Silva de Oliveira¹

Gilmar Antoniassi Junior²

Resumo: Refletindo acerca do papel do Psicólogo Escolar, este artigo proporcionará uma reflexão do papel do profissional junto ao processo de amadurecimento do adolescente e a sua influência no ensino-aprendizagem. O objetivo é auxiliar aos profissionais da educação a refletir sobre a adolescência e os aspectos correspondente, identificando os comportamentos esperados, para que possa perceber as ações que viabilizem o processo de ensino-aprendizagem entre o adolescente e a escola. Muitas vezes o adolescente é visto de forma estereotipada o que dificulta uma percepção ampla por parte do profissional que lida com esse indivíduo. Pode se concluir que a adolescência é uma fase complexa, coloca o sujeito frente a decisões que poderão mudar seu futuro, no entanto as inseguranças que permeiam os pensamentos se fazem necessárias. Uma base sólida, que provem tanto por parte da família quanto da escola para dirimir esse período turbulento que o adolescente vive é fundamental.

76

Palavras-chave: Adolescência. Psicólogo Escolar. Educação.

Abstract: Thinking about the role of the Scholar Psychologist, this article will provide a reflection on the role of that professional linked to teenagers' maturing process and his (or her) influence on the teaching/learning process. It'll take the education professionals to a reflection about the adolescence and its accordable feature, identifying the foreseen behaviors, aiming to find out the actions that allow the teaching/learning process between the teen and the school. Often the adolescent is seen by a stereotypic way, what hampers a wider perception from the professional who deal with this person. The adolescence is a complex stage; it places the individual front of decisions that can change its future. Nevertheless, the insecurity that permeates the thoughts is necessary. A solid basis that is originated both in family and school to settle this turbulent period in what lives the adolescent is elemental.

Keywords: Adolescence. Scholar Psychologist. Education.

¹ Bacharel em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM). denildeaparecida@hotmail.com.

² Pós-doutor, Doutor e Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca. Psicólogo pela Faculdades Integradas de Fernandópolis. Pedagogo pela Faculdade Patos de Minas. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Subjetividade e Promoção Psicossocial (DPGPSI-FPM).

Recebido em 01/11/2022

Aprovado em 01/04/2023

Sistema de Avaliação: Double Blind Review



1 INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como temática a *adolescência e escola*, a escolha do tema se deu devido à experiência realizada no estágio em Psicologia Escolar no quinto período da graduação em Psicologia. Com o estágio, e leituras realizadas sobre o tema ocorreu o despertar em pesquisar a contribuição do Psicólogo Escolar junto ao adolescente no ambiente escolar, analisando os aspectos interpessoais que interferem na aprendizagem.

Essa pesquisa pode provocar uma reflexão no leitor quanto à importância das ações realizadas pelo psicólogo escolar na instituição, especialmente dando suporte ao adolescente diante de tantas dúvidas que possam surgir nesse período. A presente proposta foi com base ao estudo qualitativo, de revisão bibliográfica o qual visou à busca de referencial teórico, em que se fez um levantamento de dados a respeito do adolescente no contexto escolar.

A reflexão proporcionada pela construção deste artigo é de perceber o psicólogo enquanto facilitador no processo de compreensão do comportamento interpessoal do adolescente e a sua influência no ensino e aprendizagem.

Para melhor execução dos objetivos proposto este artigo está dividido em três partes, que compõe: A primeira abordando a compreensão pedagógica da adolescência. A segunda enfocando os comportamentos *esperados* dos adolescentes. E na terceira destacar o papel do Psicólogo Escolar, e quanto sua atuação profissional pode contribuir pedagogicamente com o professor, durante esse profundo processo de transformação do sujeito.

2 ADOLESCÊNCIA: uma compreensão pedagógica

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) o adolescente é o indivíduo que se encontra entre a faixa etária de 10 a 20 anos incompletos. Sendo que segundo a OMS em um levantamento realizado no ano 2000, foi constatado que um quarto da população mundial era de adolescente, o que contribuiu para o início de pesquisas que envolvessem esta faixa etária da população (FERREIRA et al., 2002).

Para Campos (1984) a duração da adolescência não é claramente definida, vários autores se posicionam, mas não há consenso. Para essa autora, a adolescência se inicia com as reações psicológicas iniciadas pelas mudanças físicas da puberdade e se prolonga até que a identidade pessoal seja resolvida, pelo menos em parte.

A evolução do ciclo vital humano tem seu foco na organização da identidade, um momento de síntese, momento esse que ocorre durante a adolescência. Erikson faz uma

correspondência com as fases do desenvolvimento formuladas por Freud, afirmando que durante a fase genital, o adolescente pode viver uma confusão de papéis, isolamento e desesperança em relação aos conflitos vividos (ERIKSON, 1971 apud FIORI, 1982, p. 20).

A vida social do adolescente passa por duas fases, uma de retração, em que se isola e evita o contato com os adultos e os grupos de sua idade e outro que ao mesmo tempo em que se vê igual, se percebe como distinto dos demais (DAVIS, 1982).

“A adolescência é um estágio de metamorfose cujo sentido é transformar a criança em adulto.” (CARVAJAL, 2001, p. 43). Nesse período o indivíduo passa por grandes transformações, muitos autores acreditam num momento crítico, em que o adolescente fica mais exposto a certos riscos para melhor ressaltar essa ideia recorre-se a Sapienza e Pedromônico (2005, p. 210):

[...] a adolescência é um período vulnerável para muitos, pois é uma fase do desenvolvimento em que ocorrem mudanças físicas e psicológicas, é que quando o indivíduo começa a tornar-se independente dos pais e dar mais valor aos pares, é também quando o indivíduo quer explorar uma variedade de situações com as quais ele ainda não sabe bem como lidar [...].

Carvajal (2001) agrupa a adolescência em três etapas: a que dá início ao processo e se caracteriza por isolamento do mundo externo e um rompimento com os fenômenos infantis, chamada Etapa Puberal. Já na Etapa Nuclear há uma preferência pelo grupo e instalação das características da adolescência. Por fim a Etapa Juvenil que se caracteriza pela transição do modelo de funcionamento do adolescente para um comportamento mais próximo do adulto.

Ferreira (2001) apud Ferreira et al. (2002, p. 74), enfatiza que muitas vezes a adolescência é vista de maneira estereotipada. De acordo com Ungar (2000) citado por Ferreira et al. (2002, p. 74) os comportamentos inadequados são explicados pelos mitos que os adultos criam em torno da adolescência. No entanto Carvajal (2002) destaca que esse período é o mais turbulento de todas as fases, assim cada uma das fases faz exigências específicas à estrutura psíquica, todavia durante a adolescência, há modificações no corpo o que leva a maturação física interagindo com mudanças que se produzem na estrutura psíquica o que pode gerar uma inquietação e conseqüentemente reorganização de pensamentos e crenças.

Hoffman, Paris e Hall (1996) apud por Ferreira et al (2002, p. 74) destacam os principais mitos que os adultos criam sobre esta etapa:

[...] 1) que a adolescência seja um período de instabilidade emocional (período de turbulência e tensão), 2) que os problemas que aparecem sejam próprios da idade e resolvidos com o amadurecimento do adolescente; 3) que a necessidade dos jovens de separar-se de seus pais resulte em conflitos intensos e hostilidades ; 4) que exista invariavelmente um abismo entre gerações.

Em relação a esse período tão conturbado, Carvajal (2001) afirma que a essência do percurso da adolescência é totalmente diferente da infância e da idade adulta. O adolescente se recolhe num casulo, sendo uma crisálida em absoluta transformação, diferente da lagarta da infância e da borboleta da vida adulta.

A adaptação na escola pode ser comprometida durante esse período, já que representa outro aspecto em transformação, Ferreira et al. (2002) afirmam ser nessa fase que ocorre uma transição escolar, ou seja, a passagem do primeiro ciclo (1º a 4º série) para o segundo ciclo (5º a 8ºsérie) do Ensino Fundamental. Os estudantes passam de uma sala única, com menos alunos e uma só professora, para um ambiente maior, mais impessoal, com constante troca de professores e de locais de estudos, além de um número maior de alunos. Esta mudança implica uma menor atenção individual e menor oportunidade de participação nas decisões da classe, acompanhadas de um grau de exigência maior, gerando inclusive, uma queda no aproveitamento escolar.

Durante a aprendizagem o aluno representa a peça fundamental, visto que sua capacidade de interesse e motivação deve ser valorizada. O aluno deve ser preparado para se responsabilizar pela sua preparação adequada, participando ativamente do processo. Atualmente a escola tem exigido mais atenção e raciocínio do que criado oportunidades para sua obtenção e prática (ALMEIDA, 1993 apud ALMEIDA, 2002, p.156).

Bronfenbrenner (1994) apud Andrada (2003, p.172) sugere o modelo pessoa, processo, contexto e tempo (PPCT). Para ele os processos proximais são os principais meios de desenvolvimento do sujeito, esses processos são interações que acontecem nos microsistemas, contextos ou sistemas diretos que o individuo faz parte e que influencia diretamente na sua vida. De maneira semelhante Vygotsky (1981) apud Andrada (2003, p. 172) afirma que o desenvolvimento de qualquer pessoa sofre influência dos outros e só acontece através das interações estabelecidas e impregnadas de significados.

Para Andrada (2003) a família e a escola são sistemas em desenvolvimento e dentro desses sistemas existe um sujeito que também se desenvolve simultaneamente. Ferreira et al. (2002) afirmam que as famílias exercem um papel fundamental no auxílio a esse adolescente em desenvolvimento, o que explica a evasão escolar por parte de alunos, principalmente os

de baixa renda que não são amparados pelos pais e suas possibilidades são limitadas especialmente para conseguir ou manter um bom emprego.

Muitas vezes o adolescente se rebela contra as imposições dos pais, mesmo assim necessitam de limites, a liberdade e o autoritarismo se forem em excesso é prejudicial, visto que o adolescente, precisa se fixar em um referencial para buscar e reconhecer seu caminho. Em relação a valores morais, a infância influencia bastante nesse período, as angústias e conflitos não deixarão de existir, porém o que prevalece é a forma como esse jovem se sente acolhido no contexto familiar que está inserido (RAPPAPORT, 1982).

As condições de desenvolvimento cognitivo dependem muito do sistema familiar, destacando as práticas educativas que se relacionam com o sucesso na vida escolar. Quanto à constituição de uma identidade a escola também tem seu papel. O trabalho entre a escola e a família deve estar em sintonia para favorecer o desenvolvimento dos adolescentes. A pobreza, como privação das necessidades básicas prejudica de forma significativa a tarefa da família de acompanhar o adolescente. No entanto, quando a socialização da família coincide com a da escola, em geral não há desvio do que foi delineado por ambos (SZYMANSKI, 2004).

Ferreira e Marturana (2002) apud Spienza e Pedromônico (2005, p. 212) afirmam que na maioria das vezes problemas escolares são associados a problemas de comportamento tanto de crianças como adolescentes. Enfatizam que famílias que possuem pouca ou nenhuma estrutura apresentam maior possibilidade de as crianças e adolescentes apresentar problemas de comportamento. Para o desenvolvimento dos adolescentes o ideal é que vivam em um ambiente estruturado e com menor número possível de conflitos.

A partir do momento que o indivíduo consegue integrar as novas informações com as que já possuem, há uma verdadeira aprendizagem, uma construção de conhecimentos. Caso isso não aconteça haverá um acúmulo de informações sem conexão. Para aprender o aluno necessita entender, organizar, armazenar e evocar informação (ALMEIDA, 2002).

Não se pode levar em conta somente um aspecto desse período, pois de acordo com Marques, Vieira e Barroso (2003, p. 142.) “O adolescente é um ser biológico, animal, social, situado no real, totalmente humano, cheio de sonhos, expectativas, ansiedades, necessidades, crenças, valores.” Esses mesmos autores enfatizam que o adolescente não é um ser isolado e neutro e sim alguém que vive inserido num mundo real. O ser humano não é um ser acabado, está em constante transformação, por isso, a adolescência se manifesta através de um novo nascimento com destaque para características mais elevadas e mais inteiramente humanas (CAMPOS, 2001).

Analisando sob o aspecto escolar não é diferente, pois esse adolescente é um ser que traz consigo sua personalidade e modos próprios de pensar e sentir que deve ser respeitado e compreendido, buscando harmonia entre o que é sentido, falado e vivido. Para Carvajal (2001) as características da adolescência são recalçadas pelos modelos pedagógicos e não há como saber quando e como começa. Na adolescência o conflito infantil é retomado e ampliado de uma forma mais dolorosa e angustiante.

Freud (1925) apud Venturi (2006, p. 110) afirma que na adolescência o drama edipiano é retomado, o recalçamento, a castração, as escolhas objetais novamente vêm à tona. Diante de tudo isso o adolescente se encontra com uma perda pelas transformações trazidas pela puberdade, que o obriga a recriar uma imagem de si e se reconhecer como ser desejante. Por outro lado o amor incondicional dos adultos, a proteção não estão mais assegurados nessa nova fase.

Compreender os aspectos envolventes da adolescência e os que a caracteriza, possibilita repensar o espaço do ambiente escolar na contribuição simbólica do conhecimento.

3 CONSIDERAÇÕES RELEVANTES DA ADOLESCÊNCIA: um olhar sobre o comportamento

A adolescência é marcada por uma série de situações que podem ser menos ou mais conflituosas variando de indivíduo para indivíduo. É um período que exige muitas decisões por parte do adolescente, especialmente por envolver escolhas, um exemplo disso é a escolha da profissão. Faria (2002) afirma que a integração do jovem na sociedade adulta é a característica fundamental da adolescência, a integração ao meio social do adulto exige instrumentos e supõe que a personalidade seja reestruturada para que ocorra uma adaptação.

Para Outeiral (2008), a adolescência é dividida em três fases inicial, média e final. A inicial se caracteriza principalmente pelas transformações corporais, vai de 10 a 14 anos. Já a média inicia por volta de 14 anos e vai até os 17, nesse período prevalece as questões relacionadas à sexualidade como a passagem da bissexualidade para a heterossexualidade. Por fim a etapa final, iniciando por volta dos 17 anos e terminando por volta de 20 anos. Nesse momento há o estabelecimento de novos vínculos com os pais, surgem questões relativas à escolha da profissão, aceitação do “novo” corpo entre outras questões. Porém em cada fase a adolescência é marcada por crises de acordo com cada uma delas. O quadro a seguir sintetiza cada etapa e as características das mesmas.

Figura 1-Crises e etapas da adolescência.

ADOLESCÊNCIA		CARACTERÍSTICAS DAS CRISES		
		Crise sexual	Crise de identidade	Crise de autoridade
1ª etapa	Puberal	<ul style="list-style-type: none"> ● Introversão libidinal ● Autoerotismo ● Amizade íntima ● Hipoinvestimento do ego corporal 	<ul style="list-style-type: none"> ● Confusão ● Regressão ● Ambivalência ● Dessimbiotização 	<ul style="list-style-type: none"> ● Isolamento ● Desobediência ● Evitação ● Desidealização
2ª etapa	Nuclear	<ul style="list-style-type: none"> ● Superinvestimento especular narcisista ● Namoros compartilhados 	<ul style="list-style-type: none"> ● Onipotência grupal ● Self compartilhado ● Moda 	<ul style="list-style-type: none"> ● Organização em gangues ● Rebelião ● Ruptura normativa: antiadulto
3ª etapa	Juvenil	<ul style="list-style-type: none"> ● Heterossexualidade ● Escolha de parceiro sexual 	<ul style="list-style-type: none"> ● Individualidade ● Intimidade ● Independência 	<ul style="list-style-type: none"> ● Reparação ● Reconciliação com os pais

Fonte: CARVAJAL, 2008, p. 69)

Conforme se pode observar no quadro anterior, a adolescência é dividida em três etapas, cada etapa é marcada por crises. O início da adolescência se dá na etapa puberal, em que o adolescente, se isola e passa por um processo de abandono da infância. Na etapa nuclear, as características **típicas** da adolescência são claramente observadas, nesse momento, o adolescente é o grupo. Por fim na última etapa, ocorre à transição para o um comportamento mais semelhante ao do adulto.

O comportamento do adolescente pode ser persuadido pelo grupo em que está inserido, o que pode ser benéfico ao amadurecimento pessoal, ocasionando uma mudança de postura frente aos erros cometidos, ou prejudicial, quando não há transformação capaz de fomentar atitude crítica. Alguns comportamentos de risco são comuns entre adolescentes, entre eles estão à violência, o sexo sem proteção e as drogas. O adolescente também está sujeito a uma série de variáveis que pode comprometer o desenvolvimento normal da adolescência, tanto no âmbito familiar, como no social. Atualmente, a mídia tem influenciado o comportamento dos adolescentes, muitas vezes inadequados. Esses jovens são induzidos ao consumo de forma desordenada, inspirados em padrões de beleza e de saúde, que muitas vezes não condizem com a realidade. Isso pode provocar sentimentos de frustração e até transtornos alimentares, o adolescente se sente malgrado por não ser enquadrar com as

condições socioeconômicas ou não estar de acordo com a imagem corporal ditada pela moda (OLIVEIRA; FEIJÓ, 2001).

Os conflitos vividos na adolescência são vistos de maneira diferente, de acordo com a classe social em que estão incorporados. De acordo com Fonseca, (1994) as camadas médias da população consideram a adolescência um período conturbado, com emoções indomadas, enfim, uma idade difícil. Nessa classe, quando o adolescente tem algum problema, este é justificado pela fase, cada situação vivenciada contribuirá para o crescimento interior desse indivíduo. No entanto, em grupos mais populares, os erros da juventude são considerados irremediáveis, há uma condenação no sentido moral e uma sensação de perda em relação ao futuro, especialmente por possuírem poucos recursos e conseqüentemente menos possibilidades de investimento, tanto na esfera social/profissional quanto na emocional.

Na adolescência, um turbilhão de emoções vem à tona, muitas vezes o sujeito tem dificuldades de lidar com as perturbações que surgem nesse período. Uma forma de enfrentar essas inquietações é buscar apoio em grupos. O adolescente sente a necessidade de mostrar que já possui capacidade de ‘caminhar com as próprias pernas’, para isso ele procura escolher grupos que possuem alguma semelhança consigo. Para melhor ressaltar essa ideia recorre-se a Kusnetzoff (1982, p. 110).

Esse processo deverá inevitavelmente se defrontar com o grupo social onde vive o adolescente, grupo esse que tenderá a formar, canalizar e impor um conjunto normativo de regras, sob a forma de modelos de comportamentos, costumes, leis, práticas e rituais diversos que, sem dúvida, moldarão a personalidade definitiva do futuro adulto. Mas essa modelagem é sumamente complexa, já que o jovem se vê obrigado a conciliar suas necessidades pulsionais com as normas sociais, tanto as que aprendeu na infância como as que encontra agora no contexto social em que atua..não resta a menor dúvida de que este conflito se apresenta ,por vezes,de forma tormentosa e não raro violenta.Daí a quase constante instabilidade do aparelho psíquico ,em estruturação e desestruturação contínuas durante toda a adolescência.

A identidade do adolescente se organiza de forma violenta, é no grupo que ele encontra um dos espaços mais importantes na busca de identificação. Quando há um adolescente na família, muitos aspectos adormecidos dos pais são reativados, os pais “adolecem” também e os sentimentos adormecidos entram em conflito. Quando criança o indivíduo depende, idealiza e se identifica com os pais. Já o adolescente se sente mais seguro e independente começam a buscar outras identificações que não seja dentro do grupo familiar. Muitas vezes os pais tem dificuldade de lidar com esse adolescente porque busca nele a criança que antes os idealizava (OUTEIRAL, 2008).

4 A CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA DO PSICÓLOGO ESCOLAR

O papel do Psicólogo Escolar é promover um trabalho de integração entre pais, professores e alunos, buscando uma conscientização dos direitos, deveres e necessidades que são atribuídas a cada um. O psicólogo deve desenvolver atividades que envolvem objetivos claros, além de definir um direcionamento para com a comunidade escolar.

Meira (2000) ressalta que as medidas essenciais no trabalho do Psicólogo Escolar no processo educacional dar-se:

No trabalho com alunos é fundamental que, a partir de uma análise da situação escolar e das diferentes versões (do próprio aluno, da família e da escola) que foram construídas em torno do processo de encaminhamento para atendimento, o profissional busque resgatar o sentido do conhecimento enquanto instrumento de compreensão e transformação da realidade, desmistificando o rótulo de incompetência (...). No que se refere ao trabalho com os pais seria importante que o psicólogo refletisse sobre o papel social da escola e a origem das dificuldades de seus filhos, bem como identificasse possíveis formas de intervenção da família no contexto escolar (...). Em relação ao trabalho com professores, além de trocar informações e versões sobre o caso, os psicólogos escolares podem criar condições para a desmistificação das explicações *psicologizantes*, a partir de uma reflexão consistente fundamentada nos conhecimentos acumulados pela psicologia.

O Psicólogo Escolar está comprometido em auxiliar a escola nas dificuldades envolvidas na relação professor e aluno. Favorecendo a compreensão do professor para com o aluno frente à criatividade, autonomia e a auto-motivação. Aspectos estes que estão em desenvolvimento no sujeito escolar. Destacando o papel do professor como mediador nas relações interpessoais e na relação do aluno com os objetos do conhecimento ali apresentados (MEIRA; TANAMACHI, 2003).

O ambiente escolar é um emaranhado de sentimentos envolventes, um espaço que emergem conflitos afetivos e emocionais tanto por parte do professor quanto por parte do aluno. A prática pedagógica escolar pelo professor reforça o papel sentimental de cunho maternal.

Neste aspecto o Psicólogo Escolar contribui para com o professor na tomada de consciência de criar condições de que, desenvolva habilidades através do conhecimento teórico para perceber e intervir (GASPAR; COSTA, 2011).

O trabalho do Psicólogo Escolar com os professores se dá por meio do encorajamento de indagações entre esses profissionais, auxiliando o contato de cada um com a sua história profissional, com seus objetivos, limites e dificuldades na implantação das suas práticas (MARINHO-ARAÚJO; ALMEIDA, 2005).

A educação no Brasil tem passado por uma fase de declínio com altos índices de fracassos escolares, repetência e evasão, bem como ausência de escola para todos, analfabetismo ou mesmo permanência na escola sem nada aprender. Muitas vezes as dificuldades escolares são atribuídas somente às crianças, ignorando o papel dos professores e familiares. A Psicologia Escolar não consegue sozinha se posicionar como ciência auxiliar da educação sem questionar o que tipo de educação é oferecido hoje nas escolas. A escola se destaca por valorizar a questão cognitiva, se colocando com um local de transmissão de conhecimentos. No entanto a Psicologia Escolar não considera só a cognição, pois está comprometida com a formação do homem que vive em sociedade e considera a escola como auxiliadora na formação da personalidade do indivíduo (LOUREIRO, 1997).

A Psicologia Escolar mediante as várias possibilidades de atuar no contexto emerge o questionamento das instituições escolares quanto o papel do Psicólogo Escolar. Cabe ao profissional da Psicologia contribuir para que o papel a ser desempenhado na escola seja acreditado e valorizado pela instituição, no sentido de fortalecer o vínculo entre escola – família – sociedade. Favorecer o debate promotor da valorização do professor e do aluno, contribuir para não culpabilidade do fracasso escolar em rotular a culpa e sim democratizar o compromisso educacional e social.

Sant'ana et al. (2009, p. 30) eliciam as possíveis atuação do Psicólogo Escolar no contexto educacional como:

- a) o fornecimento de assessoria na elaboração, implementação e avaliação de programas especiais de ensino, do projeto político pedagógico e de programas direcionados aos pais; b) ações voltadas à melhoria das relações funcionais entre os vários segmentos da escola; c) realização de treinamento e desenvolvimento técnico-profissional de educadores; d) apoio aos professores, alunos e instituições escolares em questões relativas ao desenvolvimento humano; e e) programas de prevenção.

Para tanto, o Psicólogo Escolar seria o mediador do diálogo no contexto da escola. Aquele que contribui para com o debate e favorece o desenvolvimento social, intelectual e emocional de professores, pais e alunos. Fortalecendo e integrando a escola no saber educacional, buscando refletir o *educar para vida*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo pode-se considerar que a adolescência é um período marcado por conflitos e não tem duração definida, biologicamente dura cerca de seis anos, vai dos 12

aos 18 anos, porém psicologicamente pode se prolongar indefinidamente. A família e a escola contribuem para com esse processo de amadurecimento.

A família é o primeiro local de aprendizagem social das pessoas, ela bem estruturada, os conflitos são resolvidos de uma forma mais amena. É na escola que essa formação se completa. Por cada sujeito trazer consigo aspectos individuais e diferente, relevantes ao ambiente escolar. Por proporcionar a relação das diferentes culturas e valores, o que por, muitas vezes o professor além das dificuldades de lidar com essas diferenças, tem de buscar compreender as transformações que são comuns a essa fase.

É relevante considerar que as escolas sejam elas públicas ou particulares, possa inserir na prática pedagógica o profissional da Psicologia Escolar. Tendo como foco a relevância científica de sua atuação, pautada na busca de interagir com o sistema, facilitando a compreensão para com o adolescente e provocando o sentido educacional para a vida.

Para tanto, o Psicólogo Escolar deslocara a atenção dos trabalhos que envolvam a integralidade da *família – escola – aluno*, agindo como articulador para o processo de conscientização da relevância acadêmica, e a necessidade da parceria entre os componentes escolares.

Para efetividade do papel do Psicólogo Escolar, os projetos de intervenção devem estar na perspectiva de longo prazo, uma vez que estão em jogo crenças e valores arraigados do sistema. Por tanto, faz necessário que as pesquisas busquem avaliar os programas em andamento, e que possam criar novas propostas para com aprofundamento a temática, na inserção profissional da prática da Psicologia Escolar no contexto educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro Santos. Facilitar a aprendizagem: ajudar aos alunos a aprender e a pensar. **Psicol. Esc. Educ.**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 155-165. dez. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572002000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 mar. 2012.

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de; MARINHO -ARAÚJO, Claisy Maria. Intervenção institucional: possibilidades de prevenção em Psicologia Escolar. In: _____. **Psicologia Escolar: construção e consolidação da identidade profissional**. Campinas: Alínea. 2008. p. 88-98

ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Família, escola e a dificuldade de aprendizagem: intervindo sistemicamente. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 171-

178. dez. 2003. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v7n2/n2a07.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2012.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 1984.

CARVAJAL, Guillermo. **Tornar-se adolescente**: a aventura de uma metamorfose: uma visão psicanalítica da adolescência. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Cortez, 2001.

DAVIS, Claudia. Desenvolvimento cognitivo na adolescência- Período das operações formais. In: RAPPAPORT Clara Regina (org.). **A idade escolar e a adolescência**. 12. ed. São Paulo: EPU, 1982. p. 69-87.

FARIA, Anália Rodrigues. **O Desenvolvimento da criança e do adolescente Segundo Piaget**. São Paulo: Ática, 2002.

FEIJÓ, Ricardo Becker; OLIVEIRA, Ércio Amaro de. Comportamento de risco da Adolescência . **Jornal da Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 77, n. 2, p. 125-134, nov./dez. 2001. Disponível em: <http://www.medicina.ufba.br/educacao_medica/graduacao/dep_pediatria/disc_pediatria/disc_prev_social/roteiros/adolescencia/comp%20de%20risco.pdf>. Acesso em: 10 maio 2012.

FERREIRA, Teresa Helena Schoen et all . Perfil e principais queixas dos clientes encaminhados ao centro de atendimento e apoio psicológico ao adolescente (CAAA) – unifesp/epm. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 2, p. 73-82, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010412901998000100004&script=sci_arttext> Acesso em: 02 fev. 2012.

FIORI, Wagner Rocha. Desenvolvimento emocional. In: RAPPAPORT Clara Regina (org.). **A idade escolar e a adolescência**. 12. ed. São Paulo: EPU, 1982. p.1-37.

FONSECA, Claudia. Preparando-se para a vida: reflexões sobre escola e adolescência em grupos populares. **Em Aberto**, Brasília, DF, v. 14, n. 61, p. 144-155. jan./mar. 1994. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/921/827>>. Acesso em: 8 maio 2012.

GASPAR, Fernanda Drummond Ruas; COSTA, Thaís Almeida. Afetividade e atuação do psicólogo escolar. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo: v. 15, n. 1, p.121-129. jan. /jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/13.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

KUSNETZOFF, Juan Carlos. **Introdução à Psicopatologia Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LOUREIRO, Marcos Correa Sá Silva. Psicologia escolar: mera aplicação de diferentes psicologias a educação. In: PATTO, Maria Helena Souza. **Introdução à psicologia escolar**. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 449-458.

MARQUES, Maria de Fátima Cardoso; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; BARROSO, Maria Grasiela Teixeira. Adolescência no contexto da escola e da família: – Uma reflexão. **Fam. Saúde Desenv.** Curitiba, v. 5, n. 2, p. 141-146, maio/ago. 2003. Disponível em:

<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/refased/issue/view/578/showToc>>. Acesso em: 14 nov. 2011.

MEIRA, Maria Eugênia Mellilo. Pensamento crítico e práticas profissionais. In: TANAMACHI, Elenita de Rício; PROENÇA, Marilene. ROCHA, Marisa Lopes da. (org.). **Psicologia e educação: desafios teóricos- práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. p. 35-72.

OUTEIRAL, José. **Adolescer**. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

RAPPORT, Clara Regina. Socialização. In: RAPPAPORT Clara Regina (org.). **A idade escolar e a adolescência**. 12. ed. São Paulo: EPU 1982. p. 88-107.

SANT'ANA, Izabella Mendes et al. Psicólogo e escola: a compreensão de estudantes do ensino fundamental sobre esta relação. **Psicol. Esc. Educ.** 2009, v. 13, n. 1, p. 29-36. jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v13n1/v13n1a04.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

SAPIENZA, Graziela; PEDROMÔNICO, Márcia Regina Marcondes. Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do Adolescente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 209-216, maio./ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n2/v10n2a07.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2012.

SZYMANSKI, Heloisa. Práticas educativas familiares: A família como foco de atenção psicoeducacional. **Estudos de Psicologia**, PUC, Campinas, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/epc/v21n2/v21n2a01.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2012.

TANAMACHI, Elenita de Rício; MEIRA, Maria Eugenia Melillo. Atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em psicologia e educação o do pensamento. In: MEIRA, Marisa Eugenia Melillo; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **Psicologia escolar: práticas críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 11-62.

VENTURI, Camila; BARBOSA, Mariana; PINHEIRO, Tereza. Vergonha e adolescência. In: **Adolescentes**. CARDOSO, Marta Rezende (org.). São Paulo: Escuta, 2006. p. 109-122.